

DIALOGISMO ENTRE CONHECIMENTOS EM UMA ESCOLA NA ZONA RURAL DE ARACI – BA: UMA ANÁLISE CENTRADA NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

SANTOS, Ana Claudia Valverde

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB/ Cetens;
E-mail- claudiatapuio@gmail.com

MOREIRA-DOS-SANTOS, Frederik

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB/ Cetens
E-mail - Fredsantos@gmail.com

Resumo:

Essa pesquisa trata da análise de entrevistas aplicadas aos professores de Ciências e Geografia do Ensino Fundamental II, na zona rural de Araci-BA. Em um sentido mais geral buscou-se contribuir para um projeto de educação que proporcione o diálogo entre conhecimentos tradicionais e científicos. A fim de atingir este objetivo, o método utilizado foi a análise do discurso centrada na perspectiva bakhtiniana de dialogismo, propõe-se uma abordagem e aproximação que leve em conta a linguagem enquanto movimento. A análise do *corpus* pesquisado levou a concluir que os professores possuem pouca desenvoltura para trazer à tona diferentes perspectivas sobre a Natureza e colocá-las em debate na sala de aula. Destaca-se para a importância que as formações continuadas de professores e os cursos de licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza tragam em seus conteúdos estratégias que instrumentalizem os professores a trabalharem com a multiplicidade de vozes, principalmente entre diferentes tradições empíricas.

Palavras chave: Ensino de Ciências, Conhecimento Tradicional, Dialogismo, Educação do Campo.

Abstract

This research deals with the analysis of interviews with Science and Geography teachers at Elementary School II, in the rural area of Araci-BA. In a general sense, we seek to provide a dialogue between traditional and scientific knowledge. In order to achieve this objective, the method used was discourse analysis centered on the Bakhtinian perspective of dialogism, an approach and approximation that takes into account language as a movement proposed. The analysis of the researched *corpus* led us to conclude that teachers have little resourcefulness to bring up different perspectives on Nature and put them up for debate in the classroom. We point to the importance of continuing teacher training and courses on Peasantry Education in Natural Sciences bringing strategies that equip teachers to work with the multiplicity of voices, mainly between different empirical traditions.

Key words: Science Teaching, Traditional Knowledge, Dialogism, Peasantry Education.

Introdução

Este artigo discute a relação entre saberes tradicionais e científicos no ensino fundamental II, em uma escola da zona rural, no município de Araci – BA, com o intuito de contribuir para um projeto de educação que proporcione o diálogo das diferentes formas de conhecimento. Neste trabalho, parte-se do entendimento de que o conhecimento pode englobar as mais diversas formas de saberes empíricos, a despeito de existir um movimento histórico de negação de conhecimentos tradicionais.

Para ampliar a discussão sobre a temática, surgem desdobramentos passíveis de reflexão são eles: Existe respeito e autonomia em uma possível relação entre saberes científicos e tradicionais na escola? qual a visão predominante no ensino de Ciências na escola? Em que medida o ensino de Ciências na escola gera problemas na relação homem-natureza? Como os problemas produzidos com a exclusão do saber tradicional pela prática científica são tratados no ensino fundamental II, na escola estudada? É possível uma educação científica contextualizada com o campo, que valorize os saberes tradicionais e científicos?

É válido destacar que o recorte da temática para o ensino fundamental II, ocorre devido ao tempo disponível para o desenvolvimento da pesquisa e também pelo fato de esse nível de escolarização ser campo de atuação profissional. Para responder às questões problema norteadoras desta pesquisa e as questões secundárias, traçou-se os objetivos e através deles foram desenvolvidos inicialmente instrumentos, como questionários e entrevistas, os quais, embasados em teóricos como Sousa Santos (2009), Freire (1996), Caldart (2008), Molina (2006), entre outros, que permitiriam a compreensão do fenômeno estudado e geraram publicações sobre a perspectiva da ecologia dos saberes na educação do campo.

A fim de atingir os objetivos esperados, o método utilizado foi a análise do discurso a qual tendo como objeto, o discurso, preconiza “uma rejeição da noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social”. (GILL, 2002, p. 244 apud Caregnato; Mutti, 2006, p. 680).

A tentativa de compreensão da dinâmica do fenômeno estudado levou a construção de um trabalho de cunho qualitativo. Para Bruggemann e Parpinelli (2005, p. 564), “em qualquer abordagem metodológica escolhida, o pesquisador deverá deixar transparecer as suas intenções e sua visão de mundo sobre o objeto pesquisado”. Ou seja, a escolha por esse tipo de pesquisa é condizente com a postura adotada até aqui.

O que se propõe neste trabalho não é a mera discussão dos fatos, propõe-se uma abordagem e aproximação que leve em conta a linguagem enquanto movimento, como destaca Baccega (1998, p.22) “a linguagem é ao mesmo tempo instituição e instrumento. Reduzi-la a condição de instrumento, dando primazia à sua função de comunicação é negar a existência da práxis...”

Desta maneira, os dados¹ foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com professores que lecionam as disciplinas de Geografia e Ciências do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, o tratamento dos dados foi via análise do discurso fundada na perspectiva

¹ Estamos chamando de dados, o corpus coletado nas entrevistas, no entanto, compreende-se que em um trabalho centrado na análise do discurso, não se trabalha com dados em si, mas com as interrelações possíveis de um enunciado.

bakhtiniana de dialogismo.

Em se tratando de um público de escola pública, formada majoritariamente pela classe trabalhadora do campo/ camponeses e tendo em vista o atual sistema vigente, a escolha de uma análise pautada na perspectiva bakhtiniana de discurso e dialogismo, corrobora com os posicionamentos já defendidos até aqui, já que este autor fez importante contribuição no campo da filosofia da linguagem no tocante ao conceito de Ideologia, na tradição marxista russa. O trabalho de Bakhtin permite perceber de que maneira as teias ideológicas do sistema vigente amplia as desigualdades e silencia ou propaga discursos que materialmente oprimem os camponeses.

Para Brait, (2005, p.187) “[...] o discurso, e suas especificidades, não é, como se poderia imaginar, um privilégio dos políticos. O cotidiano do homem é entrecortado por discursos, isto é, formas de dizer e conceber o mundo, que podem estar expostas, visíveis, mas que também circulam e atuam sem que os envolvidos se deem conta.”

A autora refere-se ao fato de muitas vezes o termo discurso ser utilizado fora dos ambientes acadêmicos e de estudos da linguagem, como algo característico de políticos em campanhas eleitorais, algo amplamente disseminado no imaginário coletivo ou algo que remete a uma situação formal, uma determinada ocasião não corriqueira. Os escritos bakhtinianos são extremamente relevantes para o campo da linguagem no que tange a Análise do Discurso (AD), no entanto, como afirma Magalhães e Kogawa a institucionalização da AD só aconteceu em meados do século XX na França,

Reiteradas menções por parte dos estudiosos do discurso a trechos ou ao todo da obra dos pensadores russos que têm sido identificados como círculo de Bakhtin deixam evidente que, se Bakhtin e seus pares não protagonizam a fundação da AD, sem dúvida contribuem para pensar aspectos atinentes ao campo que abraça como objeto (MAGALHÃES e KOGAWA, 2019, p.18)

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin (1895-1975), teórico russo, considerado filósofo da linguagem por muitos estudiosos, contribuiu com seus escritos não só para o estudo da linguagem, mas também para os diferentes ramos das ciências humanas, na medida em que a centralidade da linguagem serviu para novas formas de pensar cientificamente diversas áreas da atividade humana.

Como citado anteriormente a Análise do Discurso desponta nos idos de 1950 a 1960, no entanto, autores como Baccega (1998) consideram o pensamento bakhtiniano, o discurso fundador da AD, para a autora: “A Bakhtin devemos concepções básicas que se manifestam na construção da análise do discurso. Entre elas a visão do signo como uma realidade dialética e dialógica” (idem, p.82).

No pensamento bakhtiniano² o signo é o palco de diferentes interrelações, ou seja do dialogismo presente na sociedade. Nesta perspectiva, de uma análise dialógica do discurso, pode-se afirmar que os escritos de Bakhtin contribuem como as bases para a formação de um novo paradigma nos estudos da linguagem, rompendo com as concepções estruturalistas vigentes na época, de acordo com Baccega (1998, p.88) quando a comunicação verbal deixa de ser vista apenas como manifestação textual, é que se formam as bases desse novo paradigma, com os escritos de Bakhtin.

² A respeito da obra de Bakhtin consultar TEZZA (2003) “Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo Russo”.

Assim, entendendo a importância das proposições bakhtinianas e tendo em vista os objetivos desta pesquisa, escolheu-se dentre os conceitos abordados na obra de Bakhtin trabalhar com os seguintes aspectos para uma análise dialógica do discurso: palavra interiormente persuasiva, a ideologia, a polifonia e palavra autoritária.

Para Bakhtin/Voloshinov (2006, p.103) a enunciação é de Natureza social, ou seja, nada tem a ver com a consciência individual como defende a corrente de linguísticas denominada pelo autor de subjetivistas individualistas, na concepção bakhtiniana a interação social é a responsável direta pela enunciação. Em sua crítica a corrente que defende a primazia da consciência individual, o autor deixa claro,

Fora da sua objetivação, de sua realização num material determinado (o gesto, a palavra, o grito), a consciência é uma ficção. Não é senão uma construção ideológica incorreta, criada sem considerar os dados concretos da expressão social. Mas, enquanto expressão material estruturada (através da palavra, do signo, do desenho, da pintura, do som musical, etc), a consciência constitui um fato objetivo e uma força social imensa. (BAKHTIN;VOLOSHINOV, 2006, p.112)

O pensamento bakhtiniano não despreza a atividade mental, como fica evidente no trecho destacado anteriormente, ao contrário, defende que atividade mental é um produto das relações sociais do indivíduo expressa no que o autor chama de Ideologia do cotidiano que seria o domínio da palavra exterior e interior, dotada de conteúdo ideológico.

Dessa forma, os sistemas ideológicos constituídos se fixam na ideologia do cotidiano expressa no domínio da palavra através das relações do indivíduo e influenciam o seu conteúdo, ao mesmo tempo que se alimentam da ideologia do cotidiano para permanecerem vivos no ambiente social, pois a ideologia do cotidiano é quem coloca o produto dos sistemas ideológicos na arena social. Sendo assim, o autor Bakhtin; Voloshinov (p.116), reafirmam que “a enunciação enquanto tal, é um produto da interação social, quer se trate de ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo”.

Para Baccega (1998) a enunciação carrega as marcas dos grupos sociais ao qual o indivíduo faz parte, ou seja, os atos de fala, são considerados plurais pois refletem as interações sociais. A comunicação do indivíduo refrata o pensamento social ou a Ideologia do grupo social a que este faz parte, dessa forma o cotidiano assume uma importância na análise da linguagem pois é no cotidiano que a Ideologia dos sistemas constituídos se reafirma. Baccega (idem, p. 87) diz: “É no cotidiano que permanentemente se inicia um processo de atualização da ideologia dominante, que, a partir do que está, indica o vir-a-ser”. Desta forma, a Ideologia nos escritos de Bakhtin se constrói como a expressão de uma tomada de posição, Miotello (2005) destaca ainda, que o Círculo reestruturou a concepção de Ideologia no movimento, analisando a sua conexão com o estudo da linguagem.

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de

engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (BAKHTIN;VOLOSHINOV,2006,p.32)

É por meio da enunciação, da palavra que percebemos os embates e mudanças sociais ao longo do tempo, estes embates podem ser verificados também na multiplicidade de vozes presentes na enunciação. De acordo com Magalhães; Ninin; Lessa (2014), Bakhtin caracteriza as palavras de Outrem através das categorias *palavra autoritária* e *interiormente persuasiva*. Para Sousa e Moreira-dos-Santos (2022, p.06) as palavras ditas no cotidiano, os discursos proferidos por outrem, o contexto social ao qual o indivíduo faz parte, a escolha das palavras, determinam a sua constituição ideológica.

O discurso autoritário em si, apresenta uma rigidez hierárquica a qual não permite um contraponto em sua constituição, esse discurso tende ao silenciamento dos demais. Em contraponto o discurso interiormente persuasivo, carrega em uma dada dialogia ou presença de múltiplas vozes.

A palavra no Círculo de Bakhtin assume uma importância histórica carregada de conteúdo social, segundo Stella (2005, p.178) ela é concebida e trada de uma outra forma dentro do círculo, “no pensamento bakhtiniano, a palavra reposiciona-se em relação as concepções tradicionais, passando a ser encarada como elemento concreto da feitura ideológica.” De acordo com Bakhtin;Voloshinov (2006 p. 34) “cada palavra se apresenta como uma arena miniatura onde se entre cruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais.”

Para conceber e entender esta multiplicidade de vozes na sociedade, Bakhtin utiliza o conceito de Polifonia na análise da obra de Dostoiévski, para Roman (1993) a polifonia em Bakhtin é uma metáfora á polifonia medieval. A polifonia é um conceito ligado a música popular medieval e segundo o autor supracitado, as características da polifonia medieval são utilizadas por Bakhtin para análise da obra literária de Dostoiévski.

Bezerra (2005) afirma que a construção conceitual de Bakhtin não é desprovida de conteúdo histórico, social e ideológico. As inerentes contradições do capitalismo aparecem como sendo uma das nossas principais fontes de produção de representações polifônicas, a multiplicidade de vozes seria fruto da estratificação social provocada por esse sistema e dos conflitos surgidos no âmbito das relações sociais.

ANÁLISE DISCURSIVA DO CORPUS DA PESQUISA

A entrevista ocorreu com 5 professores que ministram as disciplinas de Ciências, e Geografia nas turmas de 6º ao 9º ano do ensino Fundamental II, a fim de conhecer suas concepções sobre Ciência, bem como sua prática no cotidiano escolar. Após as entrevistas foi realizada a transcrição, e feita a análise do *corpus* obtido, utilizando os pressupostos da análise do discurso.

A escolha dos professores obedeceu ao critério de estarem lecionando a disciplina de Ciência e Geografia nas turmas do Ensino Fundamental II, é válido ressaltar que o trabalho com Geografia se deve pelo fato de área de formação de um dos autores e entender que dentro dessa disciplina existem contribuições importantes no trabalho com a relação homem-Natureza. Além de que, a concepção de Ciências que se tem aqui, é a de grande unidade de conhecimento não se restringindo assim, ao ensino de ciências naturais.

A comunidade escolhida para estudo, dista a 18 km da sede do município de Araci-BA, e tem

seu crescimento ligado a construção de um açude pelo DENOCS – Departamento Nacional de Obras Contra a Seca - em 1965, obra que faz parte do antigo projeto de combate a seca no semiárido nordestino. Na atualidade o açude representa um meio de sobrevivência para a população local que desenvolve a piscicultura e um atrativo turístico para o município atraindo banhistas de todo o território do sisal.

A escolha *locus* da pesquisa, fica na sede da comunidade, oferecendo as modalidades de ensino infantil, Fundamental I e II, os estudantes são moradores do povoado e entorno, sendo filhos de pescadores e agricultores familiares daquela região.

É importante salientar que quase todo quadro de professores do ensino fundamental II, consiste de professores oriundos da sede do município e de outras cidades, não tendo nenhum professor da comunidade.

A escola apresenta uma estrutura precária não dispondo de biblioteca para os estudantes, salas de aula com pouca ventilação e banheiros que são compartilhados por todos os integrantes da escola e estudantes. Os professores não dispunham de uma sala própria para planejamento, sendo estes feitos no corredor que também servia de biblioteca improvisada.

Os professores foram nomeados de E1 a E5 para manter o sigilo da pesquisa, foram entrevistados 5 professores que trabalham do 6 ao 9 ano com as disciplinas de Geografia e Ciências. Estes professores atuavam na escola em questão no ano de 2020, quando foi realizada as entrevistas, é importante salientar que as mesmas foram realizadas via plataforma virtual, tendo em vista a emergência de saúde pública.

Todos os professores entrevistados são licenciados, sendo 4 em geografia e 1 em letras com Inglês, é interessante salientar essa característica, pois nenhum deles possui licenciatura para o ensino de ciências, o que aponta uma realidade que coaduna com o contexto da educação da região Nordeste, e contrasta com a realidade apresentada pelo resultado do último censo escolar, conforme o relatório técnico divulgado pelo Inep - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - em 2021.

A Bahia apresenta baixos percentuais em relação a adequação da formação docente para lecionar nos anos finais do ensino fundamental, de acordo com os dados apresentados pelo censo escolar, é notável tal situação na escola pesquisada, pois a disciplina de ciências é repartida entre professores com formação para lecionar Geografia e Inglês. Tal realidade fica evidenciada nos dados do INEP, que dentre outras taxas, apresenta a taxa de adequação de formação à disciplina que leciona. No Município de Araci essa taxa é de 29,4 nos anos finais do ensino fundamental. Em relação as escolas situadas nas áreas rurais do município essa taxa cai para 23,8 o que coaduna com a realidade da escola pesquisada.

Feitas tais considerações segue-se análise do *corpus* da pesquisa, é importante ressaltar que dentro dos pressupostos do dialogismo, o outro não é um fenômeno estanque, mas sim dotado de conteúdo social inerente ao seu contexto histórico. Também é válido destacar que ao analisar um discurso a responsividade de quem o analisa também está presente, mesmo quando existe a pretensão de neutralidade, pois não há discurso neutro, todo ele é dotado de ideologia seja de quem o enuncia ou de quem o analisa.

Pergunta 1: Qual o papel social da ciência para você, enquanto campo do conhecimento? Qual o impacto na sociedade?

E1:	<i>Eu acho que é uma ciência que nos ensina né...o que tento ensinar pros meus alunos é...ter uma noção do que se passa ao nosso redor, ter uma noção de</i>
------------	--



	<p><i>mundo né, e como...eles..fazer com que eles se vejam participantes dele, acho que é isso. Impacto? Eu acho que se é... a gente... ensinar bem e formar alunos críticos, eu acho que o impacto é muito grande, porque se o aluno souber da realidade que o cerca, eu acho que ele vai ter um papel muito importante nessa sociedade, eu acho que a geografia trás isso.</i></p>
E2:	<p><i>E2:Assim como geografia por exemplo que é minha área, eu acho que ciências é fundamental... porque é uma disciplina, é uma matéria, é uma ciência rsrs que tem relações com todas as outras áreas. Ela tá ligada com todas as outras áreas, quando você usa a questão da saúde, a questão das ciências biológicas você precisa entender, compreender os seres. Eu acho que é uma... uma... uma disciplina fundamental que faz com que os alunos tenham um...uma visão muito ampla acerca do mundo em que vive. Né? Porque a área é grande, a gente trabalha muita... todos os aspectos vamos dizer assim... biológicos, físicos, então eu acho que é... fundamental para que o indivíduo entenda o mundo onde ele está inserido.</i></p>
E3	<p><i>Bom! É... a ciência na verdade ela... compõe basicamente, um pouco em termo de disciplina né, assim... [inaudível]...porque ela compõe basicamente tudo que a gente vivencia, ela está presente é...no nosso cotidiano, então assim, é um papel muito importante para o ser humano entender a si mesmo né, porque ela vai desde a origem, desde a formação da terra, no sentido das teorias é...desde a formação humana, do corpo do ser humano, e toda interação com a natureza. Então eu percebo muito que a ciência ela...perpassa por todos os âmbitos do convívio social, além de... como é que diz assim? Da importância no sentido de você saber conviver com o outro, então, parte do ser humano e da relação com o outro, essa seria a importância.</i></p>
E4:	<p><i>Enquanto pesquisa é importante porque ela...traz algum... mostra algumas coisas para a sociedade que são relevantes, por exemplo, agora no mestrado a gente vem fazendo várias pesquisas em relação a relações ambientais, para ter um retorno para a sociedade de como está aquele ambiente que eles vivem e conscientizar se caso houver algum problema e tentar ajudar, isso acontece não só no mestrado como qualquer outra forma de ciência quanto pesquisa, e em relação a...tratando de escola é...mostrar aos alunos os diversos olhares que existem e caminhos que eles podem tá trilhando e saber, conhecimento porque é imprescindível para a formação deles né... Na verdade eu, até eu me questiono muito, porque eu acredito que deveria causar um impacto maior, porém, tratando de população, a população, em questão mais social mesmo, muitas não se preocupam tanto, ou então não procuram, como é que eu posso dizer, elas não</i></p>



	<i>procuram entender realmente como funciona, questionar, ter um olhar crítico.</i>
E5:	<i>depende mais assim, da área né, da série, mas como eu trabalhei só com o 6º ano, ciências é, assim... na minha pouca experiência que eu tenho, o papel mais fundamental e importante que eu vejo na área da ciência é sobre a natureza né, a preservação do meio ambiente né, dos animais, só que eu só trabalhei com o 6º ano. De um modo geral é isso que eu falei, a preservação do meio ambiente, como eu sempre trabalhei mais nessa área né.</i>

Ao analisar as diferentes respostas dadas pelos professores, percebe-se na enunciação a presença da valorização do conhecimento científico enquanto suporte na resolução de problemas de cunho social e ambiental, o que pode se caracterizar como um discurso autoritário, presente nos meios de comunicação e em outras esferas. No entanto no discurso dos entrevistados não se apresenta na enunciação uma reflexão sobre os impactos negativos do conhecimento científico enquanto prática social, seja no uso com a finalidade de guerras ou na produção de incrementos químicos que afetam a qualidade de vida das populações.

No que se refere a Ideologia os entrevistados apresentam em suas respostas sobre a importância da ciência para a sociedade, um ideal totalizante, onde o conhecimento científico é o meio para o entendimento de tudo que está a volta do ser humano, bem como um meio de solução de problemas socioambientais. em suas enunciações não aparecem as reflexões sobre os motivos de tais problemas, reflexões sobre, em alguns casos, estes problemas, estarem ligados ao modo de vida proporcionado por uma sociedade estritamente ligada ao conhecimento ocidental produzido por aquilo a que chamamos de ciência. Em relação a este pensamento Moreira-dos-Santos (2016) chama de “Cientificismo Totalizante” para o autor o discurso científico pode assumir três formas: o Cientificismo Iluminista, o Cientificismo Absolutista e o Cientificismo Totalizante.

O cientificismo iluminista está relacionado a adoção de uma corrente epistemológica como um ideário aplicado a todas as formas de saber, o autor cita a episteme newtoniana que se tornou-se o *canon* do fazer científico a partir do século XVIII. Já na forma absolutista assume uma perspectiva metodológica partindo da ideia de que determinado(s) sabere(s) é/são o(s) único(s) capaz(es) de explicar fenômenos da Natureza, em sua forma totalizante, o cientificismo abarcaria as formas anteriores e estaria atrelado a um projeto político e educacional para a sua população (MOREIRA-DOS-SANTOS, p.02) Pode-se relacionar esta visão a Ideologia dominante do sistema capitalista, a qual tem como sua principal parceria o conhecimento tecnocientífico, e essa ciência ideal é postulada como ideologia do cotidiano através dos centros de formação, da imprensa, do marketing que supervalorizam esse conhecimento como sendo construído e pertencente a gênios iluminados e de acesso a poucos. Em alguns meios acadêmicos, de base positivista, podemos encontrar discursos que defendem o saber científico como o único caminho que nos leva a libertação e a verdade.

As respostas dadas pelas professoras, embora reflitam os discursos vigentes na sociedade, tais como a emergência de uma preservação ambiental, discurso esse que surge em meados do século XX, quando a percepção dos danos ambientais pós Segunda Guerra fica evidente e o conceito de desenvolvimento sustentável começa a ser discutido pelos órgãos internacionais no fim deste século. Ao atrelar essa emergência a falta de criticidade em relação ao mundo que os rodeia, e também relacionar esse pensamento crítico ao conhecimento científico, não se pode



dizer que há uma pluralidade de vozes. Há apenas aquela que coloca a Ciência Moderna como a tábua de salvação da humanidade, mostrando traços que combinam com um discurso autoritário.

A este respeito, em um estudo recentemente publicado, Sousa e Moreira-dos-Santos (2022) afirmam que a palavra autoritária se mantém inerte às transformações ao longo do tempo, o que provoca o silenciamento de outras vozes. Dentro dessa perspectiva, a polifonia não aparece e sim um aspecto monológico, característico do discurso autoritário.

PERGUNTA 2: de que maneira sua aula de ciências contribui para a construção de uma visão ampla de Natureza? Se você puder citar alguns exemplos de algumas práticas da sua aula.

E1	<i>É, nas minhas aulas eu tento trazer bem pra... realidade deles, né, pra nossa realidade, então é..., geralmente, no início da unidade foi, no que deu pra pegar desse ano, a gente trabalha lugar. Ai eu sempre... faço com eles, uma aula de campo, na região mesmo, né, tento fazer com que eles percebam o lugar onde eles moram e como eles devem preservar esse lugar. Tem uma... tem um descaso muito grande, assim com tudo né... é uma balinha que chupam, aí jogam o papelzinho no chão, não tem nenhum cuidado. A gente vê muito lixo, a gente vê muitas pessoas queimando esse lixo. Então assim, eles não têm uma consciência muito grande, tento fazer com que eles vejam um pouquinho disso aí. Acho que de pouquinho em pouquinho a gente consegue alguma coisa!</i>
E2:	<i>Bom, quando eu trabalho, por exemplo, esse ano que eu comecei trabalhar com o 7º ano e no 8º que a gente tava trabalhando as questões dos ciclos, né, que é muito parecido também, para eles entenderem as questões físicas. Porque esse ano, não sei se você percebeu na ementa, eles tava, os conteúdos do 7º e do ano, não achei que foi muito essa questão relacionada...a princípio achei que estava mais relacionada a química e física, então para eles entenderem, por exemplo, matéria que estava nos dois..., a princípio nos dois, como eu nunca trabalhei, não trabalhei todos os anos, eu estava estudando, porque é uma coisa nova para mim também</i>
E3:	<i>Então... eu sempre, eu...como eu te falei, eu gosto de trabalhar com experiências né, e a experiência não é só aquela experiência tipo, experiências de laboratório de química, mas é o laboratório vivenciado também! Então, se possível eu gosto de levar o aluno até o local para viver essa experiência, então por exemplo, já teve, é... situações que no 6º ano a gente estava trabalhando rocha, estava trabalhando solo, então, eu levei esses alunos a vivenciar isso, eles...a gente foi até um determinado local que seria possível eles observarem na localidade né, e a gente pode observar as rochas do local, aí eu chamei atenção em relação ao tipo de solo que existia ali, a relação da vegetação com</i>



	<p><i>aquele solo, então, eu gosto de fazer muito isso, é...infelizmente a gente não tem o laboratório na nossa escola e quando...é um problema quando a gente está trabalhando com o tema Universo, porque é muito distante, não dá pra gente levar os alunos até o Universo, então a gente tem que se adaptar mesmo as tecnologias e aí infelizmente tem que ser através de vídeos, tem que ser com as tecnologias que a gente tem, mas assim tudo que a gente pode vivenciar, eu procuro sempre tá levando eles para essas vivências, principalmente com a Natureza porque é o laboratório mais próximo né, principalmente no meu caso que sou professora do campo, da zona rural.</i></p>
E4:	<p><i>Olha eu, com os meus alunos né, não sei se é porque eu gosto bastante de Geografia, sou apaixonada, eu começo sempre mostrando pra eles que a Geografia tá em tudo, então assim tudo que eles vão fazer, tudo que vou estar explicando, o dia a dia deles está envolvido na geografia, então antes não tem como eles acharem que é uma disciplina que ele vai tá ali estudando só pra adquirir aquela nota de uma prova, de uma avaliação, porque faz parte da vida deles, e isso eu acho interessante porque quando eu começo a explicar as coisas, eu começo isso aqui você vivencia em tal parte do seu dia a dia, eu tento mostrar pra eles essa relação, porque eu acho importante, e eu vejo tudo isso, então assim, não sei se é porque eu gosto de mais, eu me envolvo muito e eu tento mostrar isso pra eles e eles aparentam aprender também a gostar e se interessar um pouco mais, porque a partir do momento em que eles percebem que eles vivenciam isso diariamente, até o olhar deles muda um pouco, lá na escola mesmo tem vários meninos que eu fico brincando algumas coisas que eu faço a relação, ai eles, e é professora? Então é isso mesmo? Eu falo pra eles, pois é! E ainda quando eu falo pra eles que tem relação com que eles fizeram tal dia, quando eles contam as histórias deles, eles ficam, poxa, professora, contei a meu pai isso e isso, ele ficou dando risada. Eu acho interessante, eu gosto!</i></p>
E5:	<p><i>Ele traz sim, traz muitos exemplos, as vezes o aluno tem até uma bagagem que até impressiona, quando se fala...em zona rural principalmente né, quando se fala em Natureza ele tem um conhecimento muito amplo de meio ambiente e Natureza. Mas, você falou como assim, em que sentido? E5. Eu lido assim, de uma forma natural, procuro sempre...como eu lido com esses exemplos como? E5.Entendi a pergunta, depende do exemplo tem alguns que ficam [inaudível] fazendo pra bem estar deles, da saúde e da natureza, mas quando eu vejo que é algo que eles tenta se justificar a destruição da Natureza, quando eles falam que é porque eles precisam retirar madeira sabe, para a sustentabilidade deles né,</i></p>



então, eu sempre digo pra eles assim, que se eles cortem uma árvore, eles plantem outra árvore no lugar daquela se for possível ou então, em outro local, mas para que eles não venham destruir completamente a Natureza.

Em relação a pergunta 2, o discurso das professoras mostra uma preocupação em aproximar as aulas da realidade vivida dos educandos, utilizando passeios pela comunidade como estratégia de ensino, fica evidente também, uma tentativa de aproximar os temas das disciplinas com a vivência dos estudantes. Percebe-se uma busca em confrontar as experiências e hábitos destes alunos e alunas com o conhecimento científico não só contido nos livros, mas, em alguns casos, sempre que possível, com a vivência em *lócus*. No entanto, pouco se discute as possíveis soluções trazidas pelas comunidades tradicionais em que os alunos pertencem, quando isso ocorre, não fica claro se é no contexto de troca de saberes ou de sobreposição assimétrica de visões de mundo. Assim, não há uma preocupação com uma escuta e discussão de base dialógica, de fato. Seja em um sentido freireano ou bakhtiniano.

As respostas dos professores deixam transparecer em seu enunciado a Ideologia ligada a valorização do conhecimento científico, na medida que este traria uma melhor compreensão da realidade e mudanças no posicionamento diante desta realidade.

Sendo a Polifonia, a multiplicidade de vozes que compõem o discurso, percebe-se em alguns enunciados a presença de uma pequena contradição, ao mesmo tempo em que buscam promover aulas de campo para o trabalho das disciplinas, deixam evidenciar uma postura passiva de mera observação da natureza, em outros casos a natureza é vista como laboratório para aproximar os conteúdos trabalhados dos estudantes.

CONCLUSÃO

Diante destes resultados parciais, percebe-se a necessidade de um trabalho de formação para que o corpo docente tenha contato com outras formas de conhecimento além do conhecimento científico. Para além disso, se faz necessário a ampla discussão sobre o papel de uma escola situada no campo que segue o currículo aplicado na cidade, é necessário refletir sobre a formação da população campestre, em uma lógica que não seja aquela voltada para a população urbana (CALDART 2008; MOLINA 2006).

É necessário refletir também sobre a supressão dos conhecimentos locais, a quem interessa o desaparecimento de determinadas práticas consideradas históricas no campo? Seus agentes detêm as bases materiais e epistêmicas que permitem a atualização destes saberes de forma autônoma? Pensar a educação do campo significa ir de encontro a lógica da educação capitalista que objetiva a supressão do campo como espaço de formas de vida e o enxerga apenas como meio de produção de mercadoria.

As populações rurais ou campestres precisam ter garantidos o campo como espaço de reprodução da vida e suas formas de subsistência, e para isso, a escola é um aliado fundamental, mas uma escola que promova uma educação voltada para o campo.

Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação e Linguagem: Discursos e Ciência. São Paulo: Moderna, 2008.

- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. 2ª Edição: 2006, Hucitec.
- BEZERRA, Paulo. Polifonia. In BRAIT, Beth (org.): Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 191-199
- BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2005. Pp. 168-176
- BRUGGEMANN, Odaléa Maria & PARPINELLI, Mary Ângela. Utilizando as abordagens quantitativa e qualitativa na produção do conhecimento. Rev. Esc. Enferm. USP, 2008, 42(3): 563-8.
- CALDART, Roseli Saete. Sobre Educação do Campo. In: FERNANDES, Bernardo Mançano. et al. Educação do Campo: campo- políticas públicas – educação. Brasília: Inkra, MDA, 2008.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15(4): 679-84. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17.pdf> Acesso em: 12 dez. 2019.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MAGALHÃES. Maria Cecília Camargo; NININ, Maria Otilia Guimarães; LESSA, Ângela Brambilla Cavenaghi Themudo. A dinâmica discursiva na formação de professores: discurso autoritário ou internamente persuasivo? Bakhtiniana, São Paulo, Número 9 (1): 129-147, Jan./Jul. 2014
- MAGALHÃES, Anderson Salvaterra; KOGAWA, João Marcos Mateus. Pensadores da Análise do Discurso: uma introdução. Paco editora, 2019.
- MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In BRAIT, Beth (org.): Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2005. Pp. 168-176
- MOLINA, Mônica Castagna. Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.
- MOREIRA-DOS-SANTOS, Frederik Moreira dos. Quando o Conflito Entre Ciência e Religião Realmente Ocorre? O Atual Rearranjo do Totalitarismo como Perspectiva no Pensar e no Agir no Campo Político e Educacional Revista Nures | Ano XIII | Número 33 | maio-agosto de 2016.
- SANTOS, Boaventura de Sousa, e Meneses Maria Paula (orgs). Epistemologias do Sul. Edições Almedina. CES, 2009.
- SOUSA, Brenda Santos de; MOREIRA-DOS-SANTOS, Frederik. Ideologia e Mudança de discurso de graduandos camponeses: contribuições bakhtinianas para a educação do campo. Educ. Pesqui, São Paulo, v. 48, e 243360, 2022.